

A arte como potência na militância e resignificação da identidade de mulheres negras

Marília Martins de Araújo Reis¹

Resumo

As mulheres negras atravessam no Brasil e em diferentes continentes, desafios cotidianos interseccionais, de gênero, raça e classe, preconceitos estruturais relacionados ao racismo e ao machismo, para os quais se demanda a necessidade de ampliar recursos expressivos que fortaleçam suas lutas e resistências. A arte e cultura tem se evidenciado como potentes armas para tal, tanto no sentido de impulsionar militâncias nos feminismos e no antirracismo, bem como para fortalecimento de identidades destas mulheres, atravessadas por opressões sistemáticas e geracionais advindas do colonialismo, da escravidão, da branquitude. O presente artigo visa, através de uma breve pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa, analisar o papel terapêutico e fortalecedor da arte e cultura em relação às subjetividades e coletividades das mulheres negras, relacionando expressões artísticas, em especial as demarcadas pela escrita, seja musical, literária, dramática ou autobiográfica, a partir de uma análise ilustrativa de personalidades femininas de referência na arte e cultura ao longo das últimas décadas, as quais Nina Simone, Conceição Evaristo, Viola Davis e Chimamanda Adichie. O estudo sugeriu a partir do sucinto diálogo teórico e biográfico destas artistas, que a arte e a cultura são potentes recursos para elaboração afetiva e fortalecimento tanto de identidades das mulheres negras, facilitando seu empoderamento, bem como para impulsionar movimentos sociais feministas e antirracistas. Sugere-se a necessidade de desenvolver mais pesquisas que abordem este tema, investigando a arte como recurso terapêutico, potente resignificador de identidades e fortalecedor de militâncias femininas na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Antirracismo; Arte e cultura; Escrita de mulheres negras; Movimentos sociais; Subjetividades.

1. Introdução

O empoderamento feminino tem sido tema constante no movimento feminista e desde o seu surgimento, na década de 1980, vem ampliando horizontes. Frente às lutas pela igualdade de gênero, contra o machismo e as opressões decorrentes do racismo, da colonialidade e da branquitude, as mulheres pretas seguem no desafio cotidiano de lidar com as dores e sofrimentos múltiplos, infligidos por estas afrontas à sua identidade e direitos. Vilma Piedade (2018) traz o reflexo desta realidade no conceito de “Dororidade”, que trata das violências que o racismo e o machismo infligem às mulheres negras, da dor preta que contém o silenciamento, as sombras do racismo e a dor que gera, seja concreta ou abstrata, seja física ou psíquica, mascarada no Brasil pelo mito da democracia racial.

A ONU Mulheres (2017) publicou uma cartilha com alguns princípios que enfatizam a igualdade - de gênero e racial - e em especial, no âmbito da promoção da igualdade através de iniciativas e defesa comunitária. A militância feminista em seu sentido sororal, como expressão

¹ Doutora e Mestra em Estado e Sociedade; Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB); Eunápolis, Bahia e Brasil; mariliaamarilis@hotmail.com.

da identidade dos Feminismos, com a ideia de irmandade e força de unificação das mulheres (Costa, 2004), tem sido fortalecida com iniciativas necessárias como a da ONU Mulheres e vice-versa, pois envolvem comunicar publicamente suas ações a favor da igualdade de gênero, inspirando a comunidade e iniciativas de engajamento comunitário empoderadores de mulheres e jovens (ONU Mulheres, 2017). Sugere-se aqui a força coletiva e sintonia com os lemas afirmativos “uma sobe e puxa a outra” e “nenhuma solta a mão da outra”, que produzem mudanças ao nível mundial e no Brasil, que ainda apresenta uma dura realidade de íntima relação entre a questão de gênero e a questão racial.

No âmbito da Saúde, Costa (2009) apontou que inicialmente, a mulher só foi considerada em seu papel reprodutivo e só recentemente considerou-se a saúde mental da mulher negra, sendo isto reflexo dos movimentos feministas negros no século XXI. Apenas em 2023, a Portaria nº 2.198/2023 do Ministério da Saúde (MS, 2023 a) instituiu a “Estratégia Antirracista para a Saúde”, que visa garantir a promoção da equidade étnico-racial, e uma das metas prioritárias é a promoção da saúde integral da mulher negra (MS, 2023 b), que representa 60,9% das usuárias do SUS (MS, 2024).

Diante deste cenário, o engajamento de mulheres pretas em todas as frentes possíveis de batalhas por direitos e cuidado, alcança também uma força especial no segmento da arte e cultura, o qual também tem produzido impactos diretos na saúde psíquica destas mulheres, no engajamento comunitário, potencializando militâncias libertárias, impactando subjetividades, ressignificando identidades, sentidos e significados de ser e estar no mundo. Estudos científicos apontam que a expressão artística, em suas diversas formas, produz impactos no bem-estar físico e emocional dos praticantes e em quem as contempla, gerando mudanças na qualidade de vida, evidenciando que a linguagem artística promove saúde mental, alívio ao estresse, ao se apreciar ou produzir arte (Magsamen, 2023; Bair, 2022).

Estes espaços de expressão são necessários às mulheres negras, tanto como recursos terapêuticos, como quanto oportunidade para a visibilidade de suas imagens, seus corpos, seus fazeres e transformações pessoais, como canal potente de superação para si e para novas gerações de mulheres. Para estas mulheres, oprimidas interseccionalmente (fatores de raça, gênero, classe, trabalho, saúde etc.), isto se intensifica, uma vez que as expressões artísticas e culturais atuam de modo a transformar e possibilitar a construção de novas percepções e conceitos. Ao colocarem seus/ suas atores/ atrizes em um novo lugar de evidência, retirando-as/os dos recônditos do imaginário escravocrata, para um lugar de protagonismo através das atividades expressivas, surgem efeitos terapêuticos e emancipatórios, permitindo a elaboração

de percursos sócio-históricos emocionalmente nocivos, de sofrimentos e vulnerabilidades, recolocando mulheres negras em espaços significativos.

Um espaço que tem se evidenciado como canal de expressão de mulheres negras, em seus protestos e lutas pertinentes ao seu contexto sócio-histórico, seja no Brasil, ou no mundo, é o da escrita, em suas diversas modalidades, nas artes cênicas, a dramaturgia, na música, a composição musical, dentre outras. Corroborando com esta afirmação, Reis (2020) aborda que o resultado destas atividades tem enriquecido e fortalecido os movimentos sociais feministas e antirracistas e suas pautas, em uma via de mão dupla, sob um olhar transdisciplinar. Tal fato produz saúde mental e conseqüentemente, saúde comunitária, uma vez que transformações sociais decorrem destes movimentos e alcançam o modo de pensar sobre si e sobre a cultura, questionando seus paradigmas “engessados” estruturalmente. Ao se tratar da expressão artística e cultural das mulheres pretas e o fortalecimento de movimentos sociais antirracistas, pode-se afirmar o impacto transformador produzido por essas, convergindo ao que diz Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (Alves, 2017, n.p.).

Neste âmbito, a partir de uma breve pesquisa bibliográfica e documental, o presente artigo intencionou discorrer sobre a arte como potência na militância e ressignificação da identidade de mulheres pretas, a partir do exemplo de sucintas narrativas biográficas de algumas artistas negras, personalidades de referência cuja escolha se deu pela amostragem intencional, enquadrando-se na esfera de figuras públicas que influenciam pautas socioculturais através de suas realizações e escritas, suas expressões literárias, biográficas, musicais, e dramáticas, evidenciando o poder transformador na vida e no discurso/ narrativa destas mulheres, e o potencial destas atividades expressivas como instrumentos terapêuticos, produtores de saúde mental. Permeados pela escrita, revelaram-se curativos e fortalecedores dos movimentos sociais e pautas feministas, antirracistas, da subjetividade dessas mulheres e de outras que as observam como fonte de inspiração, luta e resistência.

Para coleta de dados, utilizou-se plataformas científicas na Internet, como Google Acadêmico, Scielo, Plataforma de Teses e Dissertações, livros impressos, livros *on line*. Os discursos (falas) também foram coletados de vídeos/ entrevistas na *Internet*, em redes sociais e documentários. Adotou-se a abordagem qualitativa para desenvolver o diálogo, uma vez que propicia um olhar mais ampliado sobre fenômenos complexos, que relaciona diferentes aspectos, como a arte/ cultura/ militâncias/ psicologia/ Saúde Mental, permitindo brevemente melhor compreendê-los, mediante sua intensidade e profundidade e “apreender os mais

diferentes aspectos das visões dos sujeitos, de seus itinerários, as narrativas, sabores/dessabores” (Ramos; Paiva; Guimarães, 2019, p. 841).

Serão tratados a seguir, temas como a perspectiva terapêutica das relações entre arte, cultura e Saúde Mental, a expressão artística como potente recurso de militâncias e ressignificação de identidades, com ênfase à escrita, bem como exemplificadas vivências e escrevivências que abordam a temática, a partir de mulheres artistas negras, de diferentes continentes e de diferentes gerações. Espera-se por meio desta breve pesquisa, suscitar novas reflexões sobre o tema, bem como estimular a produção de novos estudos.

2. O teor terapêutico da arte - relações entre arte, cultura e Saúde Mental

O teor terapêutico da arte e cultura é tema de estudos na atualidade e vem sendo evidenciado há muitas décadas através de trabalhos e pesquisas. No final do século XIX, inicia-se de uma forma mais explícita, a abordagem da arte com seu aspecto terapêutico, com os estudos do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, no escopo da Saúde Mental. Jung (1984) propicia o surgimento de uma nova abertura para compreender a psicose (transtorno mental grave, conhecido popularmente como loucura) e de seus conteúdos ocultos no inconsciente, e revela ser a arte a expressão máxima da alma humana, visto que suas variadas possibilidades de expressão artísticas serão postuladas, em sua grande maioria, no inconsciente, que remete a questões subjetivas e também coletivas. Este teórico afirma que “a arte representa um processo de auto-regulação espiritual na vida das épocas e das nações” (Jung, 1985, p. 71).

Jung acreditava que a expressão artística é indissociável da vida pessoal do seu autor e, segundo Vieira e Castanho (2022), Donald Winnicott, psicanalista, também vincula a criatividade com a experiência de vida, convergindo com a ideia de que a arte propicia um movimento de autoconhecer-se, gerando “uma conexão profunda entre a consciência do criador e o trabalho em andamento, permitindo que a arte seja um caminho para o autoconhecimento” (Reynoso, 2024, p. 89). Artista e obra, estão historicamente juntos, a natureza humana e sua expressão na arte e em se tratando da escrita poética, da arte poética, este vínculo é obrigatório, aglutinando também a consciência de sua época. Giovannoni (2010) afirma que a obra de arte, segundo Jung, uma compensação à sua época, “é, então, no sentido mais profundo, uma mensagem dirigida a todos os contemporâneos” (ibid., p. 86)” (Giovannoni, 2010, p. 79).

Tais afirmações revelam o papel social do artista, que para Jung, elabora e concretiza a imagem através de seus materiais e técnicas, realizando o papel de educador, revelador do inexprimível, dentro do seu contexto sócio-histórico e coletivo: “é aquele indivíduo capaz de

‘expressar o inexpressável de uma época’ (ibid., p. 87) [...] Por isso, uma obra de arte possui um grande ‘significado social’, atuando na educação do espírito da coletividade, o que ocorrerá confere ao artista que produz a obra o papel de ‘educador de sua época’ (ibid., p. 71)” (Giovannoni, 2010, p. 80, 81). A arte, a obra então, não é unívoca do artista, ela é simbólica, guarda em si dimensões conscientes e inconscientes, do individual e do coletivo, e só tem sentido se é acompanhada pelo outro, onde o reflexo das artes sobre o observador só acontece quando se permite que ela atue sobre ele “tal como ela agiu sobre o poeta”; para a compreensão de seu sentido mais profundo [...]” (Giovannoni, 2010, p. 80).

É inspirada na teoria Junguiana que no Brasil, Dra. Nise da Silveira, psiquiatra nordestina, promoveu reflexão e debate sobre arte e saúde mental e posteriormente, Arthur Bispo do Rosário, artista e ex-interno de hospitais psiquiátricos (Gameiro, 2022). No Rio de Janeiro, na década de 1940, Dra. Nise realiza um trabalho de terapêutica ocupacional que envolveu arte e cultura - pintura, escultura, música e outras atividades expressivas, com os internos do hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro, com o apoio e participação da assistente social e enfermeira, Dona Ione Lara, que ali atuava profissionalmente, já revelando seu talento musical. Da análise do trabalho de terapêutica ocupacional através da arteterapia realizado por Dra. Nise, relacionando-o às descobertas de Carl Gustav Jung, observou-se também que esta forma de cuidado reduziu crises (surtos) e possibilitou a ressignificação da identidade das pessoas em tratamento, uma vez que se revelaram verdadeiros artistas gradeados naquele hospital, desaprisionando-os dos paradigmas tradicionais da loucura. Tais práticas terapêuticas vitalizaram também novas perspectivas para o método e introdução da teoria Junguiana no Brasil (Magaldi, 2020; Ivone.e.Nise, 2024 a; 2024 b;).

Pode-se então, considerar que da provocação de Dra. Nise de Oliveira, a partir do uso de atividades artísticas como nova forma de cuidado em Saúde Mental, até então reduzidas às internações, eletrochoque e medicações impregnantes, gera-se um modo de cuidado que revoluciona a vida dos internos, possibilitando a ressignificação de novas identidades para as práticas profissionais e principalmente para os pacientes. Dona Ivone Lara reportou que a referida psiquiatra a ajudou a perceber o poder da música como uma ferramenta de cura (Ivone.e.Nise, 2024 a; 2024 b). No caso dos internos, além de curativas, as expressões artísticas demonstraram o poder de transformar a imagem e o imaginário, pois possibilitam a construção de novas percepções e conceitos ao colocarem seus atores, antes segregados à loucura, em um novo lugar, um lugar de visibilidade, um lugar de protagonismo através da arte, antes não ocupado tradicionalmente por estes. Este trabalho realizado por Nise da Silveira, originou o “Museu do Inconsciente”, no Rio de Janeiro (Magaldi, 2020).

Décadas posteriores, seguiram-se estudos sobre a relação da arte, cultura e saúde mental no contexto antimanicomial, dos quais destaca-se o trabalho do Prof. Dr. Paulo Amarante. Conhecido como referência nacional da Reforma Psiquiátrica Brasileira e do movimento social da Luta Antimanicomial, este autor reporta que a arte e a cultura tem sido utilizadas tradicionalmente nas recentes décadas como instrumento terapêutico para os transtornos mentais, o que originou termos como arteterapia, musicoterapia e outros, dentre outros típicos da ciência, mas ressalta a importância de não reduzi-las a um paradigma composto por técnicas e objetividade, com a pretensão de se tornar uma verdade científica, pois a arte tem “seus modos de ser, que passam mais pela estética e pela produção de subjetividades e sentidos” (Amarante; Nocan, 2012, p. 10-11). Em consonância, afirma ainda que a arte e a cultura possuem um papel engajador de lutas e coletividades, evidenciando sua importância política, ideológica e também subjetiva: “[...] se pode atribuir a arte cultura um papel libertário, emancipador, de luta e construção de sujeitos não apenas individuais, mas coletivos, como participantes de certa etnia, preferência sexual, convicção ideológica ou religiosa, etc.” (Amarante; Nocan, 2012, p. 11).

Assim sendo, seja como modo de cuidado e resgate da autonomia para os sujeitos nos espaços de cuidado psicossocial, possibilitando-lhes novas identidades e ampliando-lhes novos espaços de fala, bem como recurso terapêutico de elaboração e superação de vivências subjetivas, ou quando se configuram enquanto espaço de lutas por direitos, dando voz a coletividades e fortalecendo movimentos sociais, a arte e cultura são reconhecidas como caminhos de empoderamento e transformação no contexto sócio-histórico ao qual o sujeito pertence e se expressa, cujos feitos constituem-se também em um legado para outras gerações.

3 “Refazendas” do mundo de si e do mundo de fora – a arte como militância e fator transFORMADOR da identidade

Nessa feitura, o termo “arte” remete ao termo “artesão”, que é aquele que trabalha com as próprias mãos. Arte também é vista, concebida como parte da construção social que proporciona “poder olhar para mais longe, ver a promessa da liberdade” (Chã, 2021, on line). É algo que se constrói, que se planta, que se colhe. Esta “refazenda”, esta construção, remete ao trabalho transformador da Educação que, conforme afirmava Paulo Freire, educador brasileiro, não transformava o mundo, mas transformava as pessoas, que transformam o mundo. Associando a frase de Freire ao trabalho do dramaturgo Augusto Boal, afirma-se que a arte não transforma o mundo, mas transforma as pessoas que vão transformar o mundo (Teixeira; 2007; Canda, 2012).

Boal (2009) afirmava ser uma obrigação inventar outro mundo, mas que cabia construí-lo com as próprias mãos, entrando em cena, no palco e na vida. Como exemplos de convergências das transformações subjetivas e coletivas deste processo de construção na arte cultura, nota-se que as similaridades entre as teorias de Paulo Freire (*Pedagogia do Oprimido*) e de Augusto Boal (*Teatro do Oprimido*) visam a emancipação dos oprimidos e a transformação social, em que arte e educação são processos de construção libertários que “[...] proporcionam um fazer pedagógico onde oprimidos se tornam capazes de perceber o mundo, refletir sobre o mundo, e se expressar no mundo” (Teixeira, 2007, p. 16) - ou seja, empoderam. Deste modo, pode-se dizer que toda emancipação passa por processos de subjetivação – e ressignificação da identidade.

Relacionando esta afirmativa ao universo artístico e cultural feminino, Toneto (2022), ao citar a *Rede Ma(g)dalena Internacional/Teatro das Oprimidas*, pondera que “Teatro é a verdade escondida. Desnudar essa verdade é ato de resistência, assim como se afirmar mulher é movimento de Rebeldia [...]” (Toneto, 2022, p. 101). Sob a ótica da colonialidade, do patriarcado, do machismo estrutural, é possível compreender que essa livre expressão artística confere às mulheres um lugar de livre fala, um espaço de protesto e afirmação, que revela verdades e rompe com paradigmas adocedores e aprisionadores. A arte então, enquanto forma de militância transformadora e produtora de saúde mental, é descrita como a expressão que derruba barreiras e correntes, “Arte é caminho, é diversidade, é transformação social. Arte é rima, arte traz conhecimento e salva. É através da arte que vamos às ruas e expressamos a indignação com a injustiça, a luta por direitos e por uma democracia [...]” (Gameiro, 2022, n.p.).

Pode-se considerar então que, a arte transita *entre e com* as subjetividades e coletividades, afetando-se mutua e simultaneamente. É uma forma de expressão, comunicativa e dialógica, que impulsiona, estimula as parcerias sociais em alguma direção comum. Como afirmado por Reis *et al* (2024), as expressões artísticas impulsionam movimentos sociais, que são uma forma saudável de revolta, funcionando como recurso de elaboração coletiva para superação de sofrimentos. Desse modo, as oficinas de pintura, escultura e outras atividades expressivas desenvolvidas por Dra. Nise da Silveira, descentralizam a identidade do louco da doença, centrando-a na saúde, na criatividade, construindo assim, o sujeito-artista. O Teatro e a educação para a arte, com Augusto Boal, possibilitam que o sujeito - ator, ao confrontar-se com seus sentimentos, com as opressões sociais, aproprie-se de sua existência de modo socialmente comprometido. A arte cultura apresenta então, possibilidades de uma aprendizagem dialógica e terapêutica em suas mais diversas modalidades – seja na escrita, na dança, no artesanato, entre outros.

4 Entre as pegadas, onde a arte cura, empodera, fortalece mulheres negras e militâncias

Sueli Carneiro (2023) afirma que o feminismo precisa ser cada dia mais enegrecido, apontando que a mulher negra, em vista do padrão ideal de brancura, que constitui na identidade nuclear estabelecida pela branquitude, desenvolve balizas subjetivas que facilitam a ocorrência do sofrimento psíquico, o qual reverbera em baixa autoestima, inferioridade, autoimagem fragilizada, e uma carga emocional acima de sua capacidade de suportar, devido a exaustivas autocobranças e tentativas de agradar o outro, referenciada naquele padrão ideal inalcançável, o que explicita e converge à “Dororidade” de Vilma Piedade (2018). Carneiro (2023) afirma ainda que racismo tem sido encoberto e precisa ser considerado insterseccionalmente. Importa então, envolver estratégias de enfrentamento às dores subjetivas produzidas por ele e pela desigualdade socioeconômica, as quais envolvem além dos movimentos sociais, a promoção da saúde mental para o povo negro, como parte da luta por justiça e igualdade social. Além das inúmeras possibilidades em políticas públicas, as expressões culturais e artísticas constituem-se em potente caminho para militâncias, de reparação narrativa e de afirmação de representatividade para as mulheres negras.

Neste estudo, o veio comum das personalidades femininas negras que aqui serão brevemente elencadas é permeado pela arte da escrita. São mulheres negras de diferentes gerações, com desafios que se entrecruzam em diferentes intensidades, conforme o tempo histórico de suas existências, em sua maioria contemporâneas. Ainda que toquem outras esferas artísticas, que para algumas, torna-se o espaço de publicização da sua fala e militâncias, é a escrita, literária, poética, dramática, musical ou biográfica que, ora elabora e “amarra” os afetos, ora os faz conhecidos em íntimas narrativas, reais ou ficcionais, ora impulsiona e possibilita espaços para atuação e fortalecimento de uma nova identidade, ou que permite superar a identidade que lhes fora imposta pelos espaços sociais opressivos coloniais, racistas e machistas. Suas pegadas, em diferentes lugares do planeta, ofertam possibilidades de um novo ser no mundo, emancipando-as enquanto mulheres negras que seguiram um percurso de lutas e continuam vencendo desafios dia a dia, tendo a arte cultura como trilha e como escolha de vida. Bem-vindos a Nina, Conceição, Viola e Chimamanda.

4.1 Nina Simone (1933-2003) - escrevendo canções na militância musical pelos direitos civis dos negros norte-americanos

Cantora, compositora e pianista norte-americana, Nina Simone (1933- 2003), nasceu Eunice Kathleen Waymon, na cidade de Tryon, na Carolina do Norte, Estados Unidos, na região do Mississippi. Suas composições musicais assumiram um caráter de militâncias na luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos na década de 1960. Para Nina, a música representou também um espaço de empoderamento e superação – afinal, foi uma menina negra retinta, filha de uma doméstica, descendente de escravizados, rejeitada pelo *Instituto Curtis* de música por racismo, e agora era uma mulher negra escrevendo músicas, cantando e tocando um instrumento, em 1963, no *Carnegie Hall*, casa de espetáculos para artistas de renome nos EUA. Além da visibilidade, a música também lhe proporcionou ascensão socioeconômica frente ao racismo sofrido na sua infância e adolescência (Reis, 2020).

Na militância, encontrou um lugar e espaço de fala através da sua arte, sendo contemporânea e companheira de lutas junto a Lorraine Hansberry, dramaturga negra premiada, que a instruiu sobre o movimento antirracista, e de Martin Luther King Jr., assassinado em 1968 (Reis; Nunes, 2020). Nina Simone cantou e compôs, participou de protestos, manifestos nas ruas, eventos e marchas antirracistas, sendo considerada uma precursora dos Feminismos negros norte-americanos. Após o atentado terrorista que culminou na morte de quatro crianças negras, em uma igreja Batista em Birmingham, Nina fez críticas acirradas a esta região dos EUA, e escreve músicas críticas aos acontecimentos, a exemplo de sua composição *Mississippi Goddam* (Maldito Mississippi): “O nome desta música é maldito Mississippi, cada palavra significa exatamente o que quero dizer, [...] Filas de grevistas, boicotes escolares, eles tentam dizer que é uma conspiração comunista, tudo que eu quero é a igualdade, para minha irmã, meu irmão, meu povo e eu [...]” (Simone, 2024, n.p.). Em outra composição, ela escreve uma letra em apoio à autoestima dos jovens negros, *Ser jovem, superdotado e preto*: “Devemos começar a dizer aos nossos jovens, há um mundo esperando por você, sua é a missão que está apenas começando [...], é que todos podemos nos orgulhar de dizer, sou jovem, talentoso e negro” (Simone; Irvine, 2024, n.p.).

O efeito terapêutico da arte, na expressão por ela adotada – a escrita musical, o canto e como pianista - passa pelo ressignificado de si enquanto mulher preta, pelo empoderamento feminino e da inquestionável ocupação de um lugar de protagonismo social em sua época. A Nina de antes do engajamento no movimento social pelos direitos dos negros norte-americanos, não é a mesma Nina que se levantou para a luta. Garbus (2015) evidenciou em seu documentário sobre a artista que ela registrava “escrevivências”, seus conflitos, suas dores, composições, em diários, em cadernos, expressando no papel seus afetos e desafetos, violências sofridas em sua própria casa. Após contínuas agressões no seu segundo casamento, a cantora e pianista se

divorcia e engaja-se ainda mais na militância, afirmando não ter outra opção, pois na sua opinião, um artista precisa colocar sua arte ao dispor das demandas sociais do seu tempo: “Nina Simone expressava não haver para ela outra escolha, pois não via a possibilidade de ser artista e não refletir a própria época” (Reis; Nunes, 2020, 149 p.).

Nina queria pegar em armas, mas foi orientada a compreender que sua principal arma era sua própria música. Após a perda de amigos ao longo da militância pelos direitos civis dos negros norte-americanos, afasta-se dos palcos, sai dos EUA e vive em situação de quase indigência na Europa, sendo psicodiagnosticada tardiamente com Transtorno bipolar (Reis, 2020). Com a ajuda de amigos, ela ressurgiu na música, que volta a ser seu “porto seguro”, retornando aos palcos e dando continuidade à carreira até seus últimos anos, como apresentado no documentário *Whats happen Miss Simone?* (Garbus, 2015). A trajetória de vida de Nina Simone sugere que a música representou ao mesmo tempo, um canal de ressignificação identitária pessoal, enquanto mulher negra e de direitos, bem como impulsionou o movimento no qual se engajou – uma troca mútua de fortalecimento. E é na música que ela encontra também o caminho de volta para seu lugar no mundo, para reequilibrar sua saúde mental, resgatando sua autoestima, sua identidade e deixando sua memória para a posteridade. Nina Simone faleceu em 2003, aos 70 anos, em decorrência de um câncer de mama e em 2017, recebeu postumamente o *Grammy Lifetime Achievement Award*, prêmio concedido como reconhecimento enquanto artista que marcou a história da música.

4.2 Conceição Evaristo (1946) – da pobreza em favela mineira, às trilhas da escrevivência, das histórias negras, geradoras de novos lugares de fala

A cidade de Belo Horizonte, capital mineira, hoje se orgulha de ter sido o berço de Maria da Conceição Evaristo de Brito. Conceição Evaristo tinha muitos irmãos e era de família muito pobre. Dos primeiros anos de vida na periferia, experimentados na favela do *Pendura Saia*, situada na zona sul da capital mineira e extinta nos anos 1970, foi faxineira, babá durante o curso “secundário” e sonhava ser professora. Migrou para estudar no Rio de Janeiro, onde cursou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tornando-se Mestre e Doutora em Literatura. Trabalhou como professora da rede pública de ensino até se aposentar. Em 2018, concorreu à cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, mas não foi aceita (seria por ser uma mulher preta?). Foi vencedora do *Prêmio Jabuti 2015*, em 2018, contemplada com o *Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais* pelo conjunto de suas obras e em 2019, foi homenageada como *Personalidade Literária do Ano* pelo *Prêmio Jabuti 2019* (Gov.br, 2025).

Em 2024, ela tomou posse na cadeira 40, da Academia Mineira de Letras (AML), sendo a primeira mulher negra a ingressar nessa academia (Cruz, 2024).

Conceição Evaristo declarou sobre sua escrita em entrevista, que muito se orgulha de que, “tanto o texto literário, quanto o texto ensaístico, a poesia, a prosa nascem [...] profundamente marcada pela minha experiência de mulher negra na sociedade brasileira. É uma escrevivência que se dá realmente através dessa vida do povo negro [...]” (Leituras Brasileiras, 2020, on line). A autora ressalta que, ainda que ficcional, a escrita preenche uma lacuna histórica pela falta de narrativas autênticas e informações que venham diretamente do povo negro, recobrando sua ancestralidade silenciada pela escravidão. Pode-se dizer que a afetividade e a possibilidade desta escrita, atribui-lhe um teor de cura e resgate de uma identidade obscurecida pelo racismo e preconceitos sócio-históricos. Frente a isto, ela escreve obras como *Ponciá Vicêncio*, *Becos da memória*, dentre outros, que casam memórias ancestrais da escravização e vivências cotidianas, apontando nas suas próprias palavras, que “esse passado ainda não foi expurgado”. Escrever é então, elaborar o passado e reivindicar uma posição de dignidade no presente e afirmar a identidade afrobrasileira (Leituras Brasileiras, 2020, on line).

O portal *Literafro*, do Governo Federal (Gov.br, 2025) reporta que a estreia de Evaristo se deu com poesias publicadas na década de 1990, na série *Cadernos Negros*, quando a escritora já tinha mais de quarenta anos de idade. Conceição Evaristo escreveu romances, poesias, contos que falam sobre discriminação racial, de gênero e de classe, além de pesquisar sobre literatura. Sua escrita é marcada por mulheres negras como protagonistas e suas vidas cotidianas, cercadas pelas violências, machismo, dentre outras vulnerabilidades psicossociais, cujas narrativas comovem e mobilizam militâncias. É a criadora do termo “Escrevivência”, o qual une as palavras “escrever” e “vivência”, remetendo à militância, à força na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnicas e de gênero a ela está ligada; nas palavras da própria Evaristo, “A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade” (Herminio, 2022, on line). Herminio (2022) expressa nas palavras da autora que “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (Herminio, 2022, on line).

E assim sendo, sugere-se que a Escrevivência aponta para uma elaboração afetiva que circula entre o individual e o coletivo, promovendo saúde emocional, produzindo um efeito terapêutico. Contribui também para o fortalecimento de movimentos sociais, uma vez que é instrumento de denúncia e promove a união de determinados grupos. Reis *et al* (2024) reportam a existência de movimentos sociais e coletivos voltados para a escrita de mulheres, com a

finalidade de fortalecer autoestimas e identidades, promovendo talentos e gerando visibilidade e superação. Outra potência da Escrivência que se religa aos movimentos sociais, é o resgate da ancestralidade, remetendo à força motriz das mulheres escravizadas que antecederam esta geração. Em sua poesia “Vozes-mulheres”, Conceição Evaristo explicita esta intenção, que direciona a mulher negra que ela é, às mulheres negras de hoje e suas gerações futuras, para uma postura de mudanças e autonomia: “A voz de minha bisavó, ecoou criança, nos porões do navio. [...] Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância, O eco da vida-liberdade” (Evaristo, 2017, p. 24 - 25).

A Escrivência fortalece a coletividade e ao mesmo tempo, valoriza subjetividades silenciadas, invisibilizadas das mulheres negras, suas origens e condições de vida. Ressalta-se que Conceição Evaristo é participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra no Brasil, com uma versatilidade que desperta olhares, levanta a voz destas mulheres negras periféricas, entre morros e favelas, sufocadas pelas opressões cotidianas da pobreza, do racismo, desigualdades sociais e do machismo estrutural, dando-lhes um espaço de fala, retirando-as da subalternidade para o protagonismo nos livros, através das personagens que refletem uma realidade dura e viva.

Além deste sentido, Herminio (2022) acrescenta que pensar a Escrivência no campo acadêmico é, para a escritora, retomar a apropriação de "epistemicídio" feita pela filósofa Sueli Carneiro. Somada à sua relevância social, considera-se então que a arte da escrita teve um significado pessoal para Conceição Evaristo, que definiu esta expressão artística como *estratégia de sobrevivência*, sem a qual não haveria preservado sua saúde mental. “Insubmissas lágrimas de mulheres” é um dos livros que exemplifica vivências dolorosas de mulheres negras, mas retrata também a superação destas dores e sua condição de vitória ao final das lutas.

Deste modo, a referida escritora também tem na escrita um canal de expressão e elaboração dos seus afetos, como uma força que a ancora à própria vida. Tal fato corrobora com o pensamento deleuziano de que diz que: “[...] o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto dos sintomas cuja causa se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde (Deleuze, 1997, p. 13 - 14). Em suma, a forma que a autora experimenta a escrita sintetiza o poder terapêutico, o seu papel catártico, convergindo ao pensamento de Reis *et al* (2024), ao enfatizarem o poder catártico da escrita, seus efeitos benéficos, que por vezes, salvam vidas. E nas palavras de Conceição Evaristo, o exercício da literatura se revela, de fato, seu recurso principal:

[...] **é... a minha maneira de não adoecer** [...] desse adoecimento emocional. [...] Eu consigo, por exemplo, falar muito mais dos meus sentimentos se eu escrever. **O movimento da escrita... Acho que é até o movimento da própria vida...** Acho que o movimento da própria vida é um movimento que você faz pra vencer a dor, ou pra vencer a morte. [...] E pra mim, a literatura é essa oportunidade que você tem de se agarrar à vida [...] Porque você registra a vida. [...] Você inventa a vida, você discorda da vida. E escrever... [...] Escrever é uma forma de sangrar. [...] E a vida é uma sangria desatada, né? (Leituras Brasileiras, 2020). (Grifos nossos).

4.3 Viola Davis (1965) – em busca de si, atuar e escreVER para elaborar e encontrar-se

Viola Davis é uma atriz, produtora, empresária e filantropa estadunidense, nascida em St. Matthews, em 1965. Conseguiu com muitos esforços, formar-se em Artes Dramáticas, na *Rhode Island College*, e cursou teatro na *Juilliard School*, ambas instituições de ensino de referência neste segmento. No cenário das Artes Cênicas, tem ocupado na última década um lugar de destaque como mulher negra de sucesso, seja no teatro, cinema ou televisão, sendo a terceira mulher e a quarta negra a conquistar o título *EGOT* - recebeu os prêmios *Emmy*, *Golden Globe*, *Oscar* e *Tony Award* (Ray, 2023). Mas, a vida nem sempre se apresentou assim, recheada de vitórias. Sua infância e adolescência foram cercadas de sofrimentos e vulnerabilidades interseccionais – que envolveram marcadores sociais de raça, gênero e classe – ocasionando-lhe traumas que seguem sendo superados com a força da sua carreira artística.

Em seu livro autobiográfico, corajosamente relata seu trajeto de vida, cuja escrita amarra um processo elaborativo de conflitos e emoções vivenciadas em uma infância traumática, permeada por violência doméstica, racismo expresso de diversas formas, das quais, o *bullying* na escola, miséria e pobreza, ao ponto de ter problemas como faltar-lhe água para o banho e comida. Davis (2022) relata que aos nove anos, após escolher ser atriz, ao ver uma atriz negra protagonizando uma série de televisão, encontrou na arte e na educação uma esperança, um caminho para sair do estilo de vida que tinha ao lado de seus pais e irmãos. O título do livro *Finding me* (“Em busca de mim”, na versão brasileira), que pode ser traduzido literalmente como “Encontrando-me”, prenuncia uma menina perdida, em uma busca desesperada por uma identidade própria, por afirmação, por sair de um lugar de desvalor, para o “re-conhecimento” e valorização diante de si mesma e diante do mundo. Este mundo a nutria com rejeição, preconceito e invisibilidade, decorrentes de opressões sistemáticas e geracionais advindas do racismo, da pobreza, heranças estas escravocratas do seu país.

Estes fatos atestam o que é afirmado por Homi Bhabha, autor de estudos pós-coloniais e sobre relações interculturais: “o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados na base da origem racial, a fim de justificar sua conquista

e estabelecer sistemas de administração e instrução” (Bhabha, 1994, p. 101). Nesta opressão de base colonialista, as vivências de Viola na infância, que sofria *bullying* regularmente, era agredida por colegas e vizinhos e tinha literalmente que correr para não apanhar (“Correndo” é o título do primeiro capítulo), pelo simples fato de ser negra e pobre, corroboram com a afirmação de David (2018, *apud*, Reis, 2020), de que o racismo harmoniza relações de poder e mantém situações de privilégios “gerando subjetividades que podem produzir sofrimento psíquico em crianças e adolescentes negros, além de nesta etapa do desenvolvimento humano ocorrer, de modo inconsciente, a internalização dos estereótipos negativos da cultura negra (David, 2018, *apud*, Reis, 2020, p. 200).

Traumas profundos machucaram a menina Viola, e nesta corrida contra os maus-tratos, sugere-se que a arte também assumiu a função estratégica de negociação para a sobrevivência física e psíquica a atriz, aludindo a frase da obra de Conceição Evaristo “A gente combinamos de não morrer. Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel” (Evaristo, 2016, p. 99). Em entrevistas como a realizada com a atriz por Ophra Winfrey, em 2022, bem como no próprio livro, a atriz revela que escrever suas memórias foi uma forma de curar suas feridas. Viola relata que, o propósito final do caminho era encontrar um lar para a menina Viola, “deixar que aquela garota de 8 anos entrasse, convidá-la para experimentar a alegria que ela tanto desejava, lhe mostrar como era se sentir viva de verdade. [...] Um local de paz onde o passado não limite a Viola de AGORA, onde eu me aproprie da minha história” (Davis, 2022, p. 18).

Deste modo, escrever sua autobiografia possibilitou sua sobrevivência consigo e com os outros, dando nós e atando pontas ainda desatadas da sua trajetória de dor e exclusão. Ela descobriu nas artes cênicas também um poder curativo, afirmando que o processo e talento de treinar como uma atriz para construir alguém totalmente diferente de si mesmo, tem o poder de curar o que está ferido (Davis, 2022). A escrita e o palco se complementaram neste processo de cura, com efeito catártico, para o que ela afirma ter se tornado atriz porque a atuação é uma fonte de cura: “A liberação emocional para atuar me oferecia, me proporcionou grande alegria. [...] Quando atuava, conseguia sentir tudo [...] e eu não estava escondendo nada. [...] Todos tinham permissão para expor seus traumas. [...] As pessoas escutavam com empatia, [...] em apoio (Davis, 2022, p. 103). Esta oportunidade de cura e emancipação enquanto mulher negra no meio artístico hollywoodiano, desperta em Viola Davis um sentimento nobre e compassivo, sororal para outras mulheres e para com seu povo, manifestando-se na contemporaneidade

como feminista, militante antirracista na luta pelos direitos dos negros norte-americanos, pela justiça social, pela igualdade de gênero.

Viola foi considerada em 2012 e em 2017 como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista *Times* (Davis, 2022), e tem feito um uso estratégico da influência de sua imagem. Sobre este uso da imagem, remete-se ao conceito de “Imagens de Controle”, de Patrícia Hill Collins (2019), pelo qual pode-se afirmar que produções textuais e audiovisuais articulam linguagem e cultura, ao elaborar as imagens de personagens femininas negras, de forma a problematizar as relações entre a indústria cultural e o reforço de lugares sociais destinados a corpos racializados. Convergindo a este parâmetro, a atriz regularmente mantém suas imagens e discursos de vitórias conquistadas ao longo de suas lutas, evidenciando vulnerabilidades e superação, se pronunciando nas redes sociais, denunciando e protestando contra violências e assassinato de pessoas, de jovens negros, motivados pelo racismo.

Além disto, Viola Davis cofundou a *JuVee Productions*, uma produtora voltada para artistas, que produz filmes e similares (Davis, 2022). Em suas falas, discursos ao longo das premiações que lhe foram atribuídas, pronunciou-se de modo crítico e marcante, fortalecendo a luta antirracista e enfatizando a necessidade de desenvolver-se uma “dramaturgia da igualdade”, que contemple também personagens protagonistas negros, uma vez que “a única coisa que separa as mulheres negras de qualquer outra pessoa é oportunidade” (*Television Academy*, 2015, on line). Coadunando com esta afirmativa, Medeiros e Brandão (2023) relataram que a atriz brinda aos escritores que valorizaram protagonistas negros: “[...] em 2015, ao receber o *Emmy* [...] Viola já reforçava em seu discurso que havia diferença de oportunidades para atrizes negras e destacava que ‘você não pode ganhar um *Emmy* por papéis que simplesmente não existem [...]’ (BBC, 2015)” (Medeiros; Brandão, 2023, p. 220).

Pode-se dizer que as artes cênicas, a dramaturgia e a escrita autobiográfica proporcionaram a esta artista negra a possibilidade de elaboração do sofrimento, a cura para muitas dores e vulnerabilidades biopsicossociais, ressignificando sua identidade, possibilitando apropriar-se de si mesma. Sendo também transformada pela influência de outras mulheres negras na arte, partilhou suas vivências mais íntimas, ampliando generosamente ao seu público esta possibilidade de vencer, frente a uma sociedade preconceituosa e patriarcal. Na escrita desta história que precisava ser contada pela protagonista, ela deixa um legado para outras meninas, bem como dedica suas premiações a si mesma, à pequena Viola de seis anos e segue afirmando ser dona da sua própria história, ser dona dos seus fracassos e não estar interessada em ser perfeita.

4.4 Chimamanda Ngozi Adichie (1977) – entre diásporas, feminismo e narrativas, ampliando olhares e valorizando as diferenças

Chimamanda Adichie Ngozi é sem dúvida, uma escritora que apresenta em suas construções um teor tanto terapêutico, como militante no feminismo que afirmam o povo africano, a mulher negra e a necessidade de manter fortalecidos os movimentos sociais feministas e antirracistas no mundo atual. Segundo Carneiro (2017) e Barbosa e Corrêa (2022), ela é uma jovem escritora nascida em Enugu, na Nigéria. De uma família de classe média, cujo pai era professor universitário e a mãe, uma socióloga, administradora, cresceu na cidade universitária de Nsukka e tornou-se contadora de estórias, ensaísta e uma escritora de diferencial criativo de destaque no mundo atual. Estudou nos Estados Unidos da América com o intuito de continuar sua formação em Estudos Africanos na *Universidade de Yale*. Escreveu poemas, peças, palestras e livros publicados como “Hibisco Roxo”, “Meio Sol Amarelo” e “Americanah”, dentre outros, cuja escrita aborda delicadamente as tensões políticas e sociais que envolvem sua nação, personagens femininas, valorizando suas origens e assuntos controversos como o machismo, política e a guerra.

Adichie compreende seu universo de diáspora, de exclusão pelos povos Ocidentais, conclamando a necessidade de conscientização e reconhecimento do seu lugar no mundo, da necessidade de conhecimento e entender o outro que vem de outros lugares, e para tal, é preciso reconhecer e resistir ao que a colonialidade impôs: uma história única que reduz a multiplicidade dos povos africanos ao nome do seu continente. Em seu texto “O perigo de uma história única”, a autora diz enfaticamente que “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (Adichie, 2019, p. 22). Ela afirma que outras histórias importam. Que do mesmo modo que muitas foram usadas para deformar e excluir um povo, outras podem reparar sua dignidade despedaçada. Outro ponto importante é posto por Braga (2019), ao definir a escrita ficcional de Chimamanda como uma “ficção movente, de forte apelo [...] povoada de personagens deslocadas e em deslocamento, sobrevivendo ‘fora do lugar’, [...]. Sofrendo de uma constante síndrome de não pertencimento, os sujeitos ficcionais de Adichie lidam com situações conflituosas de quotidianos instáveis [...]” (Braga, 2019, p. 21). Estas questões indicam conflitos identitários interseccionais, que passam pelas questões geográficas, de gênero, raça e classe, porém, evidenciando a existência de uma postura de “resistência terapêutica” e afirmativa através dos seus escritos.

Reconhecidamente como feminista, Chimamanda traz clara a incômoda invisibilidade da mulher e da mulher negra, duplamente subestimada quando negra, que “vive no limbo do não-ser; ela é herdeira de uma invisibilidade que é transmitida de geração em geração” (Amante, 2022, p. 3). Em seu ensaio, intitulado em livro “Sejamos todos feministas”, a escritora afirma-se feminista, abordando de forma precisa, parte de sua experiência pessoal enquanto mulher na Nigéria, apontando que ainda há muito a ser feito para que a igualdade de gênero se torne uma realidade. Adichie ressalta a existência de uma “raiva necessária”, que impulsiona e nutre o movimento para que haja transformações no âmbito das questões de gênero no mundo, sugerindo-se também aqui a influência de sua escrita no fortalecimento dos movimentos sociais feministas negros; “Eu estou com raiva. A construção de gênero [...] é gravemente injustiçada. [...] (a raiva) é importante historicamente para as transformações sociais positivas [...] eu também estou esperançosa porque eu acredito [...] na habilidade dos seres humanos de [...] se tornarem melhores” (Adichie, 2015, p. 7). Vale ressaltar que esta escritora destaca o poder que tem a narrativa, seja do discurso ou da escrita, em entrevista dada ao programa jornalístico “Roda viva” (2021), enfatizando que quando fala sobre feminismo, não está falando sobre tirar direito de um grupo, mas de dar direitos a um grupo que não os tem. No seu país, quando seu marido é cumprimentado e ela é ignorada, mostra-se a invisibilização da figura feminina em situações cotidianas, o que remete à afirmativa desta escritora de que o feminismo precisa ser abraçado por todos, sendo necessário para o mundo, se é desejável um mundo mais justo, até que as mulheres tenham respeitada sua liberdade, seus corpos, suas escolhas, sem julgamentos.

Além do compromisso social de sua escrita, fortalecedor do movimento feminista, nota-se que a experiência pessoal de Chimamanda transparece marcada nas linhas e entrelinhas de suas personagens e discursos pessoais, do qual destaca-se também o seu livro intitulado “Notas sobre o luto”, que trata especialmente do seu processo de luto após a morte do pai. É uma escrita visceral, “escrivente” e profunda, nitidamente terapêutica ao explicitar a dor e a tentativa de superação da angústia experimentada, física e psiquicamente, diante da perda significativa da autora: “A notícia é como um desenraizamento cruel. Ela me arranca do mundo que conheço desde a infância. [...] Não consigo respirar direito. Será isso o choque, quando o ar se transforma em cola?” (Adichie, 2021, p. 10-11).

Neste livro, Adichie (2021) relembra o passado, momentos de alegria e bom humor da convivência com o pai e em família, permeados pela raiva, amargura e tristeza pela perda repentina deste, com a indiferença social diante disto, momento atravessado por diversos convites para palestras, mas também pela pandemia do COVID-19, o que contextualiza seu

processo de elaboração afetiva do luto através da escrita. Na tentativa de nomear em palavras essa vivência, Chimamanda define ser o luto uma forma cruel de aprendizado, declarando seu espanto com a projeção desta dor sobre seu corpo físico, além do aspecto psicológico: “Você aprende como ele (o luto) pode ser pouco suave, raivoso. [...] Aprende quanto do luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras. [...] e dentro do corpo uma sensação de eterna dissolução” (Adichie, 2021, p. 12). Por fim, pode-se sugerir que Chimamanda Adichie representa na arte da escrita, uma conciliação do poder de fortalecer a narrativa do movimento feminista, antirracista, embutindo a capacidade elaborativa de afetos e de identidades de mulheres negras na atualidade.

5. Considerações finais - cultivando reflexões e continuidades

A partir do estudo realizado foi possível refletir sobre o poder terapêutico da arte em suas mais diversas formas de expressão, ao fortalecer subjetividades e produzir “cura”, no sentido de ressignificar, transformar existências oprimidas pelo poder colonialista, machista e racista e fortalecer autoestimas de mulheres negras. Teóricos, estudiosos no mundo e no Brasil vem estudando esta temática, como Carl Gustav Jung, bem como desenvolvendo pesquisas e práticas que proporcionaram evidências revolucionárias no âmbito da Saúde mental, a exemplo de Nise da Silveira e Paulo Amarante. Sugere-se que estes, dentre outros trabalhos, embasem a afirmação das expressões artísticas como recurso terapêutico, nos quais se inclui a escrita, nas suas formas literária, musical, dramática, biográfica e similares.

As experiências das mulheres negras exemplificadas, Nina Simone, Conceição Evaristo, Viola Davis e Chimamanda Adichie – percursos de vida e profissionais atravessados pela arte da escrita - apontam para a arte como fator de transformação, empoderamento, em suas diferentes modalidades, possibilitando a ascensão cultural e socioeconômica, dentre outros fatores de crescimento. O aspecto terapêutico da produção artística das personalidades destacadas supõe a elaboração de afetos, por vezes dolorosos, de vulnerabilidades ora psicossociais, ora econômicas, ora pessoais, ora coletivas, que possibilitou a superação e a afirmação de suas identidades enquanto mulheres, mulheres negras e protagonistas na perspectiva de afirmarem a si mesmas, bem como na possibilidade de proporcionar a afirmação de outras meninas e mulheres negras nos seus países e no mundo. Ressalta-se aqui a necessidade de continuidade de estudos científicos que abordem sobre estas e outras personalidades artísticas negras.

Do ponto de vista das coletividades, a arte-cultura abre espaços de fala para que o lugar de fala da mulher negra e do povo negro sejam representados de modo real, a partir de

escrevivências, confrontando a colonialidade e valorizando suas identidades, virtudes e culturas. A Escrevivência, termo criado pela brasileira Conceição Evaristo, se aplica à escrita da própria Conceição, nos seus poemas e contos, nas suas palavras faladas e escritas; de Nina, nas suas composições musicais e diários; de Viola, no seu processo de escrita autobiográfica, no trajeto de encontra-se a si mesma, facilitado também pela dramaturgia que oportuniza personagens e espaços de fala para a mulher negra e o exercício das artes cênicas; e de Chimamanda, nas narrativas e escritas feministas, reais e ficcionais, na superação das dores cortantes do luto e de outras perdas sociais entrecruzadas pelo racismo e pelo machismo estrutural. Destas quatro “heroínas”, pode-se refletir a vitória e a resistência de mulheres que empoderaram a partir do próprio empoderamento, protagonizando suas próprias histórias pessoais e inspirando outras mulheres, de gerações vindouras.

Constatou-se também o engajamento das artes e artistas mencionadas em pautas sociais, o que possibilita o fortalecimento de militâncias a favor dos direitos do povo e das mulheres negras e do antirracismo, em diferentes tempos e lugares do mundo e a favor das mulheres negras – cultivando sonhos e infinitas possibilidades. As expressões artísticas foram, em tempos de Nina Simone e Martin Luther King Jr., instrumentos de fortalecimento de movimentos sociais transformadores da sociedade, rompendo com paradigmas opressores, e prosseguem sendo em épocas de Conceições, Violas e Chimamandas, o que leva a aspirações otimistas sobre as futuras mulheres negras que virão em um próximo tempo.

Por fim, a partir das vulnerabilidades expostas pelas artistas negras – sejam de ordem psicológica, social, econômica ou profissional - e o exercício de suas expressões artísticas, sugere-se também ser relevante pensar e pesquisar sobre a possibilidade de maiores investimentos em políticas públicas de arte e cultura para meninas, mulheres e população negras, em vista do potente recurso que representa para promoção da equidade, emancipação e ressignificação de identidades sob uma ótica decolonial.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 64 p.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras. 2021. 144 p.

ALVES, A. *Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”*. Feminismo. *El País*. Publicado em Salvador – 27/07/2017-20:44h. Salvador, Bahia. Brasil. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html Acesso em: 12 dez. 2024.

AMANTE, S.. Chimamanda Adichie, Mia Couto e o combate às expectativas de gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 30, n. 1, p. e75873, 2022. Disponível em: Acesso em: 02 ago. 2024.

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho; CAMPOS, Fernanda Nogueira (Orgs.). *Saúde mental e arte: praticas, saberes e debates I*. São Paulo: Zagodoni, 2012. 224 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/377106826/Livro-Paulo-Amarante-Saude-Mental-e-Arte> Acesso em: 04 jul. 2020.

BAIR, Lynda E. Interacting With Art: Healing From the Inside Out. *Journal of Interdisciplinary Studies. The Arts & Transcendence*. V. 34, Issue 1/2, 2022. Pages 73-96. <https://doi.org/10.5840/jis2022341/25> Disponível em: Acesso em: 10 nov. 2024.

BATISTA, W. M.; SILVA, F. DE M. C. E . Discurso de ódio: descortinando as violências nas redes sociais. *Revista Direito e Práxis*, v. 15, n. 3, p. e81022, set. 2024. Acesso em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/CGCFPGm8jVTwkqJbSVXWt4x/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 12 dez. 2024.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994. Disponível em: <https://ia601402.us.archive.org/11/items/TheLocationOfCultureBHABHA/the%20location%20of%20culture%20BHABHA.pdf> Acesso em: 03 fev. 2025.

BRAGA, Cláudio R. V. *A literatura movente de Chimamanda Adichie : póscolonialidade, descolonização cultural e diáspora*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019. 172 p. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/view/35/216/903> Acesso em: 01 jul. 2024.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CANDA, C. N. Paulo Freire e Augusto Boal: diálogos entre educação e teatro. *HOLOS*, Ano 28, Vol 4, 2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/arte_artigos/dialogos_entre_educacao_e_teatro.pdf Acesso em: 15 set. 2024.

CARNEIRO, Tom J. DA S.. Adichie, C. Ngozi. Sejamos todos feministas. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 63 p. *Cadernos de Tradução*, v. 37, n. 2, p. 318–328, maio 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ct/a/ktyPBWTRbtZNjb7mw7LvqTN/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 01 ago. 2024.

CHÃ, Ana. Somos artistas militantes, militantes artistas em defesa da terra. Soberania Alimentar. *Capire*. Publicado em 20/09/2021. Disponível em:

<https://capiremov.org/cultura/somos-artistas-militantes-militantes-artistas-em-defesa-da-terra/> For PowerPoint and Google Slides Acesso em: 10 out. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORRÊA, Ioneide; M; BARBOSA, Iris. F. L. [Resenha]. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.. *Nova Revista Amazônica - Volume X - Nº 01 - Junho 2022*. 193-195 p. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/12768/8863> Acesso em: 01 ago. 2024.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. *Revista Estudos Feministas [online]*. v. 12, n. spe3e, pp. 23-36. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300003> Acesso em: 12 dez. 2024.

CRUZ, Márcia Maria. Conceição Evaristo toma posse na Academia Mineira de Letras. *Questões literárias. Piauí*. Publicado em 19 de março de 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/conceicao-evaristo-toma-posse-na-academia-mineira-de-letras/#:~:text=CONCEI%C3%87%C3%83O%20EVARISTO%20TOMA%20POSSE%20NA%20ACADEMIA%20MINEIRA%20DE%20LETRAS%20%2D%20revista%20piaui%C3%AD> Acesso em: 10 mai. 2025.

DAVIS, Viola. *Em busca de mim*. 1. Edição. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022. 356 p.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. (Coleção Trans). 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 1997. Disponível em: https://www.academia.edu/44406467/Cr%C3%ADtica_e_cl%C3%ADnica_Deleuze Acesso em: 02 ago. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação da Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GAMEIRO, Nathália. *Arte e cultura para promoção da saúde*. Publicado em 22 de março de 2022. Fiocruz. SUS. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/arte-e-cultura-para-promocao-da-saude/#:~:text=A%20interface%20entre%20arte%20e,vulnerabilidades%20acontecem%20na%20vida%20dessas> Acesso em: 12 dez. 2024.

GIOVANNONI, H. F. *A importância do símbolo para a compreensão da religião e da arte segundo Carl Jung*. Dissertação (Mestrado). “A importância do símbolo para a compreensão da religião e da arte segundo Carl Jung”. Ciências da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2010. 116 p. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2810/1/hermenegildoferreiragiovannoni.pdf> Acesso em: 07 jan. 2025.

GOV.BR. *Conceição Evaristo*. Literafro. Portal da Literatura Afro-brasileira. Feminismos. Dados biográficos. Publicado em: 14 de março de 2025. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em: 10 set. 2024.

HERMINIO, Beatriz. *A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo*. Notícias. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Publicado em 03/10/2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo#:~:text=Criado%20por%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Evaristo%2C%20o,expli cou%20a%20escritora%20e%20educadora>. Acesso em: 03 set. 2024.

IVONE.E.NISE. *"A música fica por conta da Ivone!"*. Vídeo. Perfil do Instagram @ivone.e.nise. Instagram. 2024a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6tr7sCL63L/> Acesso em: 10 mar. 2025.

IVONE.E.NISE. *Dona Ivone Lara contando como entrou no mundo da saúde e sobre a revolução de arte e afeto que construiu ao lado da psiquiatra Nise da Silveira!*. Vídeo. Perfil do Instagram @ivone.e.nise. Instagram. 2024b. Disponível em: <https://www.instagram.com/ivone.e.nise/reel/C5npZirOjnz/> Acesso em: 10 mar. 2025.

JUNG, C. G. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985. 140 p.

JUNG, C. G. *A Prática da Psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1984. 148 p. Disponível em: https://www.academia.edu/50854744/A_Pr%C3%A1tica_da_Psicoterapia_C_G_Jung Acesso em: 8 dez. 2024.

LEITURAS BRASILEIRAS. *Conceição Evaristo - Escrevivência*. Youtube. Publicado em 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=1084s> Acesso em: 10 set. 2024.

MAGALDI, Felipe. *Mania de liberdade: Nise da Silveira e humanização da Saúde Mental no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

MAGSAMEN, Susan. Your brain on art: The case of Neuroaesthetics. *Cerebrum*. [S.l.]. July, 2019. p. 1-13. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7075503/pdf/cer-07-19.pdf> Acesso em: 12 jan. 2025.

MEDEIROS, L. S. DE; BRANDÃO, A. S.. A mulher negra criada na ausência — dinâmicas de representação e a composição de elementos visuais de Rose Maxson em Fences. *Ilha do Desterro*, v. 76, n. 2, p. 217–237, maio 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/q4jJJ5hnFxsSW6h7d98THSP/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 22 fev. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). *Portaria GM/MS Nº 2.198, de 6 de dezembro de 2023. Institui a Estratégia Antirracista para a Saúde no âmbito do Ministério da Saúde*. Diário Oficial da União. Distrito Federal, 2023a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-2.198-de-6-de-dezembro-de-2023-528577869> Acesso em: 02 fev. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). *Ministério da Saúde lança estratégia antirracista para a área*. Enfrentamento ao racismo. Publicado em 11/12/2023 16:34h. Distrito Federal, 2023b. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/dezembro/ministerio-da-saude-lanca-estrategia-antirracista-para-a-area> Acesso em: 02 fev. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Em evento sobre saúde de mulheres negras, enfrentamento ao racismo no SUS é tema de debate Encontro no Itamaraty reuniu pastas da Saúde, Mulheres e Igualdade Racial. Publicado em 24/07/2024 17:53h. Distrito Federal, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/julho/em-evento-sobre-saude-de-mulheres-negras-enfrentamento-ao-racismo-no-sus-e-tema-de-debate> Acesso em: 02 fev. 2025.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós. 2018.

RAMOS, Débora K. R.; PAIVA, Irismar K. S. DE .; GUIMARÃES, Jacileide. Pesquisa qualitativa no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira: vozes, lugares, saberes/fazer. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 3, p. 839–852, mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/pFpSsnLxwBfnTYJ57V3g3jn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 12 jan. 2025.

RAY, Siladytia. *Viola Davis vence Grammy e atinge o status EGOT*. Forbes Mulher. Forbes. Publicado em 06 de fevereiro de 2023. Disponível em: Leia mais em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/02/viola-davis-vence-grammy-e-atinge-o-status-egot/> Disponível em: 10 Set. 2024.

REIS, M. M. de A.; NUNES, S. A. N. Interseccionalidade, Feminismos e sofrimento psíquico – uma leitura sobre Nina Simone. p. 393-422. In: La Regina, Anne Greice Soares. *Etnicidades, sociedade e novos direitos: uma discussão transdisciplinar*. Organização de Anne Greice Soares La Regina... [et al.]. Rio de Janeiro. Multifoco, 2020. 452 p.

REIS, M. M. A. *et al.* Impulsionando o protagonismo feminino e de minorias invisibilizadas através da escrita – movimentos sociais e terapêuticas da escrivência. In: JESUS, Rosane Meire Vieira de; NASCIMENTO, Renata Maria Souza do (Orgs.). *Anais do II Congresso de Extensão Universitária da UNEB (II CEU). Extensão Universitária nas bordas multiterritoriais*. Pontes Editores. Campinas, SP: 2024. 260-284 p.

REIS, M. M. de A. O racismo e os impactos psicossociais– relendo a história de Nina Simone In: ARAÚJO, Danielle Ferreira Medeiro da Silva de; CAMPOS, Jucineide Carvalho; LACERDA, Leonardo; SANTOS, Walkyria Chagas da Silva (ORGS.). *Relações étnico raciais e multiculturalismo*. INTERDH. Pembroke Colins. 2020. p. 196-214.

REYNOSO, Sinuhe Ulises García. El Arte como vehículo de transformación psíquica: Una exploración de los arquetipos y símbolos en la Psicología Analítica de Carl Gustav Jung. *DMC-Music Center*. 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/125091260/_El_Arte_como_veh%C3%ADculo_de_transformaci%C3%B3n_ps%C3%ADquica_Una_exploraci%C3%B3n_de_los_arquetipos_y_s%C3%ADmbolos_en_la_Psicolog%C3%ADa_Anal%C3%ADtica_de_Carl_Gustav_Jung_ Acesso em: 02 fev. 2025.

RODA VIVA. *Roda Viva - Chimamanda Ngozi Adichie - 14/06/2021*. YouTube. 14 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pxe92zWOotE> Acesso em: 01 ago. 2024.

SIMONE, Nina. *Mississippi Goddam*. Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nina-simone/185487/> Acesso em: 01 ago. 2024.

SIMONE, Nina; IRVINE, Weldon. *To Be Young, Gifted And Black*. Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nina-simone/185544/> Acesso em: 01 ago. 2024.

TEIXEIRA, Tânia Márcia Baraúna. *Dimensões sócio-educativas do Teatro do Oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal*. (Tese) Doutorado. Universidad Autónoma de Barcelona. Doutorado em Educação e Sociedade do Departamento de Pedagogia Sistemática e Social. Barcelona: 2007.334 p. Disponível em: <https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/4657/tmbt1de1.pdf> Acesso em: 05 nov. 2024.

TELEVISION ACADEMY. *Viola Davis Gives Powerful Speech About Diversity and Opportunity*. Emmys 2015. YouTube. 21 de setembro de 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OSpQfvd_zkE&t=162s Acesso em: 10 mar. 2024.

TONETO, Maria Bernadete. Estética e resistência em rede e em cena do Teatro das oprimidas. *Extraprensa*, v. 15, n. esp, p. 98 – 118, mai. 2022. São Paulo. Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/download/194411/182552/558030> Acesso em: 10. nov. 2024.

VIEIRA, G.; CASTANHO, P. Das consultas terapêuticas à consulta conjunta: contribuições de Winnicott à prática do apoio matricial. *Ciencia & saude coletiva*, v. 27, n. 5, 1929-1938. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5nN5BQFbZzvFDQbgDFPBGVw/> Acesso em: 05 mar. 2025.

El arte como potencia en el activismo y resignificación de la identidad de las mujeres negras

Resumen

En Brasil y en diferentes continentes, las mujeres negras enfrentan diariamente desafíos interseccionales de género, raza y clase, prejuicios estructurales relacionados con el racismo y el machismo, para lo cual se requiere la necesidad de ampliar recursos expresivos que fortalezcan sus luchas y resistencias. El arte y la cultura han demostrado ser armas poderosas para ello, tanto en el sentido de impulsar el activismo feminista y antirracista, como de fortalecer las identidades de estas mujeres, atravesadas por una opresión sistemática y generacional derivada del colonialismo, la esclavitud, la blanquitud. Este artículo tiene como objetivo, a través de una breve investigación bibliográfica y documental, con enfoque cualitativo, analizar el papel terapéutico y fortalecedor del arte y la cultura en relación con las subjetividades y colectividades de las mujeres negras, relacionando las expresiones artísticas, especialmente aquellas demarcadas por la escritura, ya sean musicales, literarias, dramatúrgicas o autobiográficas, a partir de un análisis ilustrativo de personalidades femeninas de referencia en el arte y la cultura durante las últimas décadas, como Nina Simone, Conceição Evaristo, Viola Davis y Chimamanda Adichie. El estudio sugirió, a partir del breve diálogo teórico y biográfico de estas artistas, que el arte y la cultura son recursos poderosos para la elaboración afectiva y el fortalecimiento de las identidades de las mujeres negras, facilitando su empoderamiento, así como para impulsar los movimientos sociales feministas y antirracistas. Se sugiere que existe la necesidad de desarrollar más investigaciones que aborden este tema, investigando el arte como recurso terapéutico, poderoso resignificador de identidades y fortalecedor del activismo femenino en la época contemporánea.

Palabras claves: Antirracismo; Arte y cultura; Escritura de mujeres negras; Movimientos sociales; Subjetividades.

L'art comme pouvoir de militantisme et de resignification de l'identité des femmes noires

Résumé

Au Brésil et sur différents continents, les femmes noires sont confrontées quotidiennement à des défis intersectionnels de genre, de race et de classe, à des préjugés structurels liés au racisme et au machisme, pour lesquels la nécessité d'élargir les ressources expressives qui renforcent leurs luttes et leur résistance est requise. L'art et la culture se sont révélés être des armes puissantes pour cela, à la fois dans le sens de renforcer l'activisme féministe et antiraciste, ainsi que de renforcer les identités de ces femmes, traversées par une oppression systématique et générationnelle issue du colonialisme, de l'esclavage et de la blancheur. Cet article vise, à travers une brève recherche bibliographique et documentaire, avec une approche qualitative, à analyser le rôle thérapeutique et fortifiant de l'art et de la culture par rapport aux subjectivités et collectivités des femmes noires, en reliant les expressions artistiques, en particulier celles délimitées par l'écriture, qu'elles soient musicales, littéraires, dramaturgiques ou autobiographiques, à partir d'une analyse illustrative de personnalités féminines de référence dans l'art et la culture des dernières décennies, telles que Nina Simone, Conceição Evaristo, Viola Davis et Chimamanda Adichie. L'étude suggère, sur la base du bref dialogue théorique et biographique de ces artistes, que l'art et la culture sont de puissantes ressources pour l'élaboration affective et le renforcement des identités des femmes noires, facilitant leur autonomisation, ainsi que pour stimuler les mouvements sociaux féministes et antiracistes. Il est suggéré qu'il est nécessaire de développer davantage de recherches sur ce sujet, en étudiant l'art en tant que ressource thérapeutique, puissant resignifiant des identités et renforçant l'activisme féminin à l'époque contemporaine.

Mots-clés: Antiracisme ; Art et culture ; Écrit par des femmes noires ; Mouvements sociaux ; Subjectivités.

Art as a power in activism and the redefinition of the identity of black women

Abstract

Black women in Brazil and on different continents face daily intersectional challenges of gender, race and class, as well as structural prejudices related to racism and sexism, which require the expansion of expressive resources that strengthen their struggles and resistance. Art and culture have proven to be powerful weapons for this, both in the sense of promoting activism in feminism and anti-racism, as well as in strengthening the identities of these women, who have been affected by systematic and generational oppressions arising from colonialism, slavery, and whiteness. This article aims, through a brief bibliographical and documentary research, with a qualitative approach, to analyze the therapeutic and strengthening role of art and culture in relation to the subjectivities and collectivities of black women, relating artistic expressions, especially those demarcated by writing, whether musical, literary, dramatic, or autobiographical, based on an illustrative analysis of female personalities of reference in art and culture over the last decades, such as Nina Simone, Conceição Evaristo, Viola Davis, and Chimamanda Adichie. The study suggested, based on the brief theoretical and biographical dialogue of these artists, that art and culture are powerful resources for the emotional development and strengthening of black women's identities, facilitating their empowerment, as well as for driving feminist and anti-racist social movements. It suggests the need to develop further research that addresses this topic, investigating art as a therapeutic resource, a powerful resignifier of identities and a strengthener of female activism in contemporary times.

Keywords: Anti-racism; Art and culture; Black women's writing; Social movements; Subjectivities.